



**UNIVERSIDADE FEDERAL DA GRANDE DOURADOS**  
**Faculdade de Direito e Relações Internacionais**  
**Curso de Relações Internacionais – FADIRI**

**JOÃO LUIZ DE LUCIA FREIRE**

**O NACIONALISMO E SEPARATISMO CATALÃO: UMA ANÁLISE ACERCA  
DA INFLUÊNCIA DO FC BARCELONA NO REFERENDO DE 2017**

**Dourados**  
**Novembro/2019**

**JOÃO LUIZ DE LUCIA FREIRE**

**O NACIONALISMO E SEPARATISMO CATALÃO: UMA ANÁLISE ACERCA  
DA INFLUÊNCIA DO FC BARCELONA NO REFERENDO DE 2017**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Banca Examinadora da Universidade Federal da Grande Dourados, como pré-requisito para obtenção do título de Bacharel em Relações Internacionais.

Orientador(a): Hermes Moreira Jr.

**Dourados  
Novembro/2019**

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP).

F866n Freire, Joao Luiz De Lucia

O nacionalismo e separatismo catalão: uma análise acerca da Influência do FC Barcelona no referendo de 2017 [recurso eletrônico] / Joao Luiz De Lucia Freire. -- 2019.  
Arquivo em formato pdf.

Orientador: Hermes Moreira Junior .

TCC (Graduação em Relações Internacionais)-Universidade Federal da Grande Dourados, 2019.

Disponível no Repositório Institucional da UFGD em:

<https://portal.ufgd.edu.br/setor/biblioteca/repositorio>

1. Catalunha. 2. FC Barcelona. 3. Separatismo. I. Moreira Junior, Hermes . II. Título.

Ficha catalográfica elaborada automaticamente de acordo com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

©Direitos reservados. Permitido a reprodução parcial desde que citada a fonte.



### ATA DE DEFESA DO TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

Em 11 de novembro de 2019, compareceu para defesa pública do Trabalho de Conclusão de Curso, requisito obrigatório para a obtenção do título de Bacharel em Relações Internacionais, o aluno **João de Luiz de Lucia Freire** tendo como título "**O Nacionalismo e o Separatismo Catalão: Uma Análise Acerca da Influência do FC Barcelona no Referendo de 2017**".

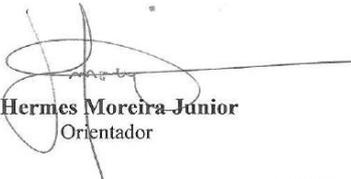
Constituíram a Banca Examinadora os professores Dr. Hermes Moreira Junior (orientador), Lisa Belmiro Camara (examinadora) e Dr. Márcio Augusto Scherma (examinador).

Após a apresentação e as observações dos membros da banca avaliadora, o trabalho foi considerado Aprovado.

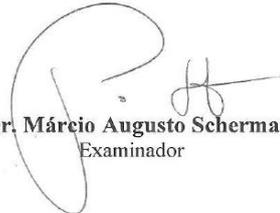
Por nada mais terem a declarar, assinam a presente Ata.

Observações: \_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_

Assinaturas:

  
**Dr. Hermes Moreira Junior**  
Orientador

  
**Lisa Belmiro Camara**  
Examinadora

  
**Dr. Márcio Augusto Scherma**  
Examinador

## **AGRADECIMENTOS**

Eu gostaria de agradecer a todos e todas que se dispuseram a me apoiar ao longo desses anos nesta jornada. Agradeço meus familiares e amigos. Amigos, estes, que foram os melhores companheiros de sala e de vida, tais como: Anderson, Mateus, Diego, Rodrigo, Antônio e Victor. Por fim, não menos importante, agradeço ao meu orientador Hermes, pela parceria em diversas áreas do curso.

## RESUMO

Neste estudo busca-se observar a questão separatista na Catalunha com escopo na influência das personagens do FC Barcelona que fizeram coro favoravelmente à separação. Nesse sentido, nossa problemática especula, primeiramente, qual a real influência do elemento futebol nesse contexto? Além disso, questionamos se as vozes favoráveis do FC Barcelona foram importantes para o acirramento dos ânimos? Nossa hipótese pontua que o FC Barcelona desempenha papel central no nacionalismo catalão e, assim sendo, sua influência na ascensão separatista não pode ser secundarizada. Em termos de referencial teórico, aportaremos nossas análises nas abordagens do transnacionalismo, mostrando como atores transnacionais, no caso o FC Barcelona, pode interferir em processos decisórios do Estado e, também, trataremos de discussões sobre nacionalismo. Metodologicamente, nossa operacionalização segue uma revisão histórica acerca da construção do nacionalismo catalão e, de maneira semelhante, buscamos observar como se apresenta essa influência de que tratamos.

**Palavras-chave:** Catalunha; FC Barcelona; Separatismo

## **ABSTRACT**

On this study the main goal is to observe the Catalunha's separatist issue with the scope on the influence of the FC Barcelonas's figures that were in favor of the separation. On this path, our question speculates, first, which is the real influence of soccer regarding this context? Besides that, we question if the favourable voices from FC Barcelona were important for the rise of the spirits. Our hypothesis punctuates that FC Barcelona plays a central role on the Catalan's nationalism and, therefore, its influence on the separatist ascencion cannot be relegated to secondrank. In terms of theoretical frame, we will base our analyses on the transnationalism approach, demonstrating how transnational actors, in this case the FC Barcelona, can interfere in the Countrie's decision-making process and also we are going to discuss about nationalism. Methodologically, our operationalization follows a historical review about the catalan nationalism's construction and, in a similar way, we tried to observe how this influence shows itself.

## LISTA DE MAPAS

|  |    |
|--|----|
| MAPA 1 O CARÁTER FRONTEIRIÇO DA CATALUNHA..... | 11 |
| MAPA 2 - NAÇÕES SEM ESTADO.....                | 24 |

## SUMÁRIO

|  |           |
|--|-----------|
| INTRODUÇÃO .....   | 9         |
| <b>1.A QUESTÃO DA CATALUNHA EM PERSPECTIVA HISTÓRICA .....</b>                         | <b>11</b> |
| 1.1.PRECEDENTES HISTÓRICOS DA REGIÃO .....   | 13        |
| 1.2. O DOMÍNIO ESPANHOL A PARTIR DO SÉCULO XVIII.....                                  | 15        |
| 1.3. O CATALANISMO, OU NACIONALISMO CATALÃO.....                                       | 16        |
| 1.4. A QUESTÃO DA CATALUNHA SOB A DITATURA FRANQUISTA.....                             | 19        |
| <b>2.NACIONALISMO E SEPARATISMO: UMA DISCUSSÃO A PARTIR DO CASO DA CATALUNHA .....</b> | <b>21</b> |
| 2.1.ABORDAGEM TEÓRICA-CONCEITUAL SOBRE NACIONALISMO(S).....                            | 21        |
| 2.2.O NACIONALISMO CATALÃO EM EFERVESCÊNCIA: O REFERENDO DE 2017..                     | 25        |
| <b>3. A INFLUÊNCIA DO FC BARCELONA NO SEPARATISMO CATALÃO .....</b>                    | <b>30</b> |
| 3.1. O SEPARATISMO CATALÃO E A POSIÇÃO DO FC BARCELONA.....                            | 33        |
| <b>CONSIDERAÇÕES FINAIS .....</b>  | <b>35</b> |
| <b>REFERÊNCIAS.....</b>  | <b>36</b> |

## INTRODUÇÃO

O objeto deste estudo refere-se ao referendo de 2017 realizado na Catalunha, que intentava a independência da região. Nosso objeto, entretanto, é abordado de uma lente específica: a influência do FC Barcelona nas aspirações separatistas da Catalunha, a partir do apoio do clube ao referendo.

Diante deste objeto, nossa problemática questiona, primeiramente, qual a real influência do elemento futebol nesse contexto? Além disso, questionamos se as vozes favoráveis do FC Barcelona foram importantes para que se levasse adiante o referendo? Nossa hipótese pontua que o FC Barcelona desempenha papel central no nacionalismo catalão e, assim sendo, sua influência na ascensão separatista não pode ser secundarizada.

Abordamos essa proposta de estudo fundamentando nossas discussões nas proposições acerca do transnacionalismo, em que atores não estatais têm influência crescente em processos decisórios importantes dos estados. Essa perspectiva assenta-se na noção de que: “The processes whereby international relations conducted by governments have been supplemented by relations among private individuals, groups, and societies that can and do have important consequences for the course of events” (ROSENAU, 1980 apud VIOTTI; KAUPPI, 1993, p. 239).

Além da abordagem acerca do transnacionalismo, sustentamos nossa análise nas discussões sobre o papel do futebol na construção dos nacionalismos. Nesse sentido, apropriamo-nos de leituras como a de Goig (2008) para quem o nacionalismo espanhol se desenvolveu ao longo dos anos, sempre em uma relação simbiótica com o futebol. Nesse sentido, o autor sustenta que o nacionalismo, através do futebol, fortaleceu, historicamente, traços da identidade, mesmo em momentos em que o Estado Espanhol buscasse uma identidade cultural uníssona.

De igual modo, lançamos mão de análises que tratam do conceito de nacionalismo e como esse conceito é um elemento construído pelas sociedades. Nesse sentido, abordamos os escritos de Anderson (2008) em “Comunidades Imaginadas”, para quem o nacionalismo é uma construção de discurso histórico.

Para seguirmos com a averiguação das questões levantadas, dividimos este estudo em três partes: primeiramente vamos apresentar a questão da Catalunha em perspectiva histórica; posteriormente faremos um estudo conceitual acerca dos

nacionalismos e como esses conceitos nos ajudam a compreender o caso da Catalunha; e, por fim, analisaremos a influência do FC Barcelona nas pretensões independentistas da Catalunha.

## 1. A QUESTÃO DA CATALUNHA EM PERSPECTIVA HISTÓRICA

Neste capítulo nosso objetivo orbita entorno da construção histórica da Catalunha. Assim sendo, queremos identificar os precedentes históricos da região, observando suas raízes históricas desde o período medieval, passando pela Guerra de Sucessão espanhola e o conseqüente domínio espanhol sobre a região no século XVIII, bem como pela redefinição da região em fins da década de 1970 tornando-se autônoma e, por fim, pincelando alguns acirramentos que se processaram na contemporaneidade. Antes de seguirmos, é importante apresentarmos o mapa da região, destacando o caráter fronteiriço da Catalunha.

**MAPA 1 O CARÁTER FRONTEIRIÇO DA CATALUNHA**



Fonte: <https://mundoeducacao.bol.uol.com.br/geografia/movimentos-separatistas-na-catalunha.htm>.  
acesso em: Setembro/2019

No mapa é possível aferirmos a configuração fronteiriça da região, situada entre a Espanha e a França.

Obviamente que a questão da Catalunha não se limita a esta temporalidade acima proposta. A multiplicidade étnico-racial da região remonta às primeiras ocupações do território ibérico. Essa discussão compõe, além disso, as abordagens que tratam do iberismo e da unidade de povos com identidades distintas e, por vezes, inconciliáveis. À vista disso, nossa abordagem histórica deixa ao largo complexas características sociais, culturais e identitárias, as quais remontariam a períodos que nosso espaço neste estudo não permite abordar. Para uma abordagem mais profunda sobre a formação sócio-histórica da região ibérica e, portanto, de suas múltiplas e complexas nuances, indicamos a leitura de Monzó (1908) “*Catalunha e as nacionalidades ibéricas*”. Nessa obra, o autor, partindo de uma perspectiva de clamor pela unidade das diversas etnias ibéricas, faz uma rica reconstrução histórica da região ibérica, apresentado detalhadamente os processos de ocupação do espaço ao longo dos períodos históricos. As análises que o autor traz à luz dão conta de conformar tanto a perspectiva da formação histórica da região, quanto a diversidade de identidades que a constituiu.

O contexto contemporâneo de separatismo catalão mais acirrado tem lançado à análise história um agravante que não pode ser secundário: há um forte movimento de mitificação acerca do passado histórico catalão pautado pelo intenso ufanismo da leitura da história da Catalunha. Nesses termos, Sánchez (2018, p. 110-111) pontua que:

O atual separatismo é baseado e alimentado na exaltação histórica de um povo próspero, unido e vanguardista, propagado a partir do nacionalismo do século XIX. Da mesma forma, com a exacerbação da consciência patriótica, fomentou-se uma catalanização sistemática da história [...]. Com isso, tentou-se reeducar e incitar a população a um glorioso projeto de soberania comum, superando um passado de infelicidade na Espanha. O recurso à história como uma das fontes de legitimidade do cisma catalão nos rodeia em uma nebulosa de mitos e realidades que se opõem, sem rigor histórico, a outros mitos ou imaginários dos espanhóis remanescentes, particularmente dos castelhanos.

## 1.1. PRECEDENTES HISTÓRICOS DA REGIÃO

O modelo de autogoverno autônomo da Catalunha pode ser identificado já a partir de meados do século XIV. Enquanto região autônoma dentro do Estado espanhol, a Catalunha desenvolveu sua autogovernança em uma instituição de governo conhecida como Generalidade (*Generalitat*) (CHAGAS, 2017). A instituição da *Generalitat* representa o poder executivo da Catalunha como região autônoma, sendo tal instituição uma espécie de expressão máxima dos direitos históricos do povo catalão, na medida em que se referenciam institucionalmente ao *Generalitat* e não ao governo central espanhol (RIBEIRO, 2018).

Quando remontamos à Idade Média é preciso ter em perspectiva o avanço muçumano contra o território ibérico a partir de 711. Nesse contexto, a tomada dos territórios ibéricos se dava de maneira rápida pelos muçumanos. Como estratégia de defesa, o imperador Carlos Magno da França fez ações de guerra na região dos Pirineus, enviando para o espaço que compreende a Catalunha grupos militares. Dessas ações de Carlos Magno resultou a tomada dos territórios de Barcelona e Girona dos muçumanos. Nessas regiões foram instaurados condados. Esse panorama reverbera uma característica central no estudo histórico da Catalunha: sua posição essencialmente fronteiriça na medida em que localiza a nordeste da península ibérica e ao sul dos Pirineus, constituindo-se, no medievo, como fronteira com o império cristão Carolíngio. É importante notar que o caráter fronteiriço e de conflito constante não é trivial, porque é em um contexto de fronteira que se estabelece a alteridade, a qual reforça, pois, as identidades e peculiaridades da identidade étnica<sup>1</sup>. Portanto, estar em posição de conflito, formar condados relativamente autônomos desde tempos longínquos, constituiu traços muito específicos da identidade étnica catalã. Nesse sentido, “O nacionalismo define os grupos humanos a partir de características que demarcam a fronteira entre os membros e os ‘outros’” (CARVALHO, 2016, p. 50).

A marca fronteiriça da região é variável importante para entender o panorama do processo político na Catalunha, pois, a partir de uma posição limiar, a região

---

<sup>1</sup> Quando se fala em identidade étnica, seguimos a noção de Barth (1969) que não são traços culturais que sustentam uma identidade, mas características de diferenciação que se mantêm e se reforçam na alteridade.

desenvolveu-se com organização política e com uma identidade própria. Os condados que se formaram na retomada contra os muçumanos tiveram papel determinante na constituição desta identidade catalã uma vez que, ainda que estivessem sobrepujados à soberania do império franco, desenvolveram-se com peculiaridades identitárias, passando ao desenvolvimento de língua e costumes próprios. Desde essa importante característica dos condados supracitados, no século X, Borrel II, conde de Barcelona, intensificou a integração entre os condados da região, instituindo a unificação política deles em um único centro político, o condado de Barcelona (RIBEIRO, 2018)

Enquanto conglomerado político independente, em 1137 a Catalunha se unificou com a Coroa de Aragão através do casamento do líder político de Barcelona, Ramón Berenguer IV com Patronilda de Aragão. Esse matrimônio originou a Coroa de Aragão. Enquanto Estado medieval, a principal marca desse reino era a descentralização política, o que sustentava a autonomia dos condados que o compunham, mantendo, desse modo, relativa independência nas tomadas de decisão dos governos locais catalães. Todavia, havia uma situação que dificilmente se relativizaria: a limitação do poder da Coroa nas ações político-econômicas, pois toda e qualquer decisão da Coroa de Aragão só tinha aplicabilidade junto ao território catalão se passasse por apreciação dos condados catalães. Isso representava, pois, a limitação de soberania de um poder absolutista em um elevado grau, fator que culminou em um enfraquecimento de relações entre Aragão e Barcelona no século XV. Esse panorama histórico é apresentado por Carvalho (2016, p. 85):

Em 1137, Ramon Berenguer IV, Conde de Barcelona, aceitou a proposta do Rei Ramiro II de se casar com sua filha Petronila, estabelecendo uma união dinástica entre o Condado de Barcelona e o Reino de Aragão. Em 1258, pelo Tratado de Corbeil, o Rei da França, herdeiro do Império Carolíngio, abriu mão de seus títulos sobre os condados catalães, cedendo-os para o conde de Barcelona James I, bisneto de Ramon Berenguer e Petronila. A Catalunha transformou-se na base do poder marítimo de Aragão no Mediterrâneo e assistiu à expansão da influência da Coroa de Aragão por meio do comércio e das conquistas de Valência, das Ilhas Baleares e, posteriormente, da Sardenha, Sicília, Córsega, Nápoles e Atenas.

Ainda no século XV, o palco geopolítico ibérico passou por um processo importante: a união das Coroas de Aragão e Castela a partir do casamento de Fernando e Isabel, respectivamente. Essa união representou o embrião da centralização do poder

político espanhol, que se consolidaria a partir do reinado de Carlos I. Podemos dizer que a partir de Carlos I e de seu sucessor Carlos II se lançam as bases do Estado absolutista espanhol. Mesmo depois da instauração do absolutismo monárquico espanhol, pode-se dizer que as diferentes regiões espanholas, dentre elas a Catalunha, mantiveram suas autonomias nos processos decisórios locais. Havia, nesse sentido, um bom relacionamento entre o governo central e centro político catalão. É a partir dos anos 1640, entretanto, que se presenciou rupturas entre a Catalunha e a Espanha. Esse desgaste se processou em decorrência da Guerra dos Trinta Anos<sup>2</sup> entre Espanha e França. O estopim para a ruptura se deu pelo posicionamento de tropas castelhanas em território catalão sem o consentimento das instituições catalãs, fator que gerou grande descontentamento dos catalães. Os Franceses, diante da manifesta insatisfação e espírito de ruptura, fizeram uma manobra política de acolhimento da Catalunha, anexando-a a seu território. Para a Catalunha essa não foi, de modo algum, a melhor alternativa, visto que, uma vez pertencente à França, sofreu com a centralização política e repressão cultural. No fim da Guerra dos Trinta Anos a Catalunha se reconciliou com a Coroa espanhola (RIBEIRO, 2018).

## **1.2. O DOMÍNIO ESPANHOL A PARTIR DO SÉCULO XVIII**

A Catalunha se viu anexada ao Estado espanhol unificado a partir da Guerra de Sucessão. Essa guerra opunha a dinastia dos Borbons da Áustria e dos Habsburgos da França. Quando da morte de Carlos II, então rei de Castela, em testamento ele nomeou seu neto Felipe de Anjou dos Habsburgos como seu sucessor. Ocorre que essa nomeação gerou um temor de que o equilíbrio de poder no cenário geopolítico Europeu fosse comprometido. Diante disso, os Borbons fizeram oposição à nomeação de Felipe V ao trono. A partir daí teve início um conflito que perdurou por treze anos até a assinatura do Tratado de Utrecht, o qual selou a paz e levou Felipe V ao trono espanhol. Durante esse conflito, a região da Catalunha apoiou a dinastia dos Borbons. Com o fim do conflito, a região ainda oferecia resistência ao domínio espanhol, porém

---

<sup>2</sup> Sobre a Guerra dos Trinta Anos ver: Carneiro (2006, pp. 163-187). In: MAGNOLI, Demetrio. História das Guerras. Contexto, 2006.

em 1713 o novo monarca espanhol ordenou ataques à Barcelona no intuito de recuperar a região, sendo finalmente reconquistada pela Espanha em 11 de Setembro de 1714 . A resistência dos catalães de 1714 entrou para a mística do imaginário popular da região. Esse evento histórico é celebrado ainda hoje pelos catalães. Destaque deve ser dado ao canto entoado pela torcida do Barcelona, que aos 17 minutos e 14 segundos entoa cânticos independentistas e separatistas (CHAGAS, 2017). Essa temática, todavia, será tratada com mais cuidado no último capítulo deste estudo.

É nesse período do domínio centralizador da Espanha que a região da Catalunha teve menos autonomia. Foi nesse contexto que Felipe V decretou o fim da autonomia política da Catalunha, abolindo o *Generalitat*, ao passo em que se iniciou a cobrança de impostos da região e, na esteira disso, foi instituído o castelhano como língua oficial.

[...] a vitória de Felipe V marcou o triunfo da Espanha vertical borbônica sobre a Espanha horizontal dos Habsburgos, que permitia na prática uma espécie de Espanha federal, com agregados territoriais conectados com base em uma “identidade plural”. A Espanha borbônica foi centralizada em torno de um eixo central, Castela, e vertebrada a partir de uma identidade homogeneizadora espanhola. Grosso modo, esse foi o modelo adotado pelos Bourbons na França, em contraposição ao adotado pelos Habsburgos no Império Austro-húngaro (CARVALHO, 2016, p. 61)

### **1.3. O CATALANISMO, OU NACIONALISMO CATALÃO**

No século XIX com um relativo enfraquecimento do absolutismo monárquico, a Espanha celebrou a Constituição de Cádiz, a qual delineava com mais precisão a nacionalidade espanhola, na medida em que abarcava não somente os espanhóis, mas também aqueles nascidos na América Hispânica. A constituição de Cádiz perdurou até 1837, sendo um elemento importante para desenvolver o nacionalismo espanhol, uma vez que o país era constituído por uma ampla diversidade de nacionalismos e regionalismos. No que tange a Catalunha, ponto focal de nossa análise, a constituição de Cádiz propunha a divisão da região em províncias distintas, a fim de enfraquecer sua

unidade nacionalista. Foi nesse período que a Catalunha desenvolveu um potencial econômico frente às demais regiões espanholas: modernizou-se rapidamente pela via industrial, constituindo-se como o principal polo econômico do país, o que favorecia o reforço de uma identidade catalã distinta da espanhola. O governo central Espanhol, entretanto, não via com bons olhos tal identidade que se reforçara, de modo que, para que o governo aceitasse a participação da região na política nacional, os catalães deveriam abdicar de sua identidade. Essa confrontação, contudo, não dirimiu a problemática do nacionalismo catalão, senão o reforçou, desenvolvendo no povo da Catalunha um sentimento contrário à Espanha, reforçando, sobretudo, o nacionalismo catalão. Nesse sentido, pode-se dizer que “Este catalanismo teve início por motivos econômicos, culturais e políticos, uma vez que por ser uma das zonas mais industrializadas da Espanha, muitos empresários ansiavam proteger seu comércio da política livre-cambista executada pelo governo espanhol.” (CHAGAS, 2017, p. 144). Nesse sentido,

A partir da última década do século XIX, o nacionalismo catalão procurou elevar a identidade regional catalã à condição de nacional. Respalado por setores da burguesia, o catalanismo passou a defender a Catalunha como nação em razão de sua singularidade, mas, longe de promover a secessão, restringiu-se a demandar autonomia política e maior proteção espanhola à indústria catalã. O nacionalismo catalão gerou reações contraditórias no resto da Espanha, já que, se, por um lado, muitos eram reticentes em admitir seu particularismo, por outro, o auge econômico e social da Catalunha fazia com que se identificasse nacionalismo com pujança (CARVALHO, 2016, p. 90).

No início do século XX o chamado catalanismo ganhou forças com a criação, em 1901, da Liga Regionalista por Prat de la Riba, que, por sua vez, passou a situar a participação da Liga na política espanhola. Prat de la Riba defendia a tese de que a nação enquanto sentimento e pertencimento seria fruto de um processo natural, já o Estado seria uma construção artificial. Nessa tese, o autor situava a Espanha, defendendo que o país não era uma nação, senão um Estado composto por diferentes nações e liderado por Castela. Nesse sentido, não se defendia a independência da Catalunha, mas uma espécie de federalização do Estado espanhol, isto é, que a Espanha descentralizasse suas políticas, concedendo competências políticas para atuação autônoma da Catalunha. Na esteira dessa abordagem, em 1906 foi criado o *Solidaritat*

*Catalana*, um mecanismo de congregava partidos catalães, o qual foi responsável por mudar o panorama eleitoral da região e, conseqüentemente, conferir status de organização política aos partidos. No ano de 1913, por iniciativa da Liga Regionalista, Madri autorizou que as regiões espanholas fizessem processos decisórios conjuntamente, o que representou um importante aceno no sentido da descentralização do Estado espanhol (CARVALHO, 2016).

No período que compreende a Primeira Guerra Mundial, os catalães combateram pela Legião Estrangeira da França. O povo catalão acreditava que com o fim da guerra e a reorganização dos territórios espanhóis, a França reconheceria definitivamente a autonomia catalã, entretanto isso não aconteceu. À vista disso, o nacionalismo catalão, a partir da década de 20, ganhou contornos de separatismo. Assim sendo: “Ao final da primeira década do século XX, robustece-se a ideia de que a Catalunha não era apenas uma região espanhola, mas uma nação integrada à força à Espanha, entendida como um Estado artificial.” (CHAGAS, 2017, p. 150).

Em 1931 a Espanha promulgou uma nova constituição que, diferentemente das propostas da Liga Regionalista, sustentava que só havia uma única nação, a espanhola. Entretanto reconhecia a autonomia de suas regiões. É nesse período que volta a vigorar o *Generalitat* e a Catalunha se torna uma região autônoma dentro do Estado espanhol. Nesse sentido, Carvalho (2016, p. 94) apresenta que:

[...] o Parlamento espanhol aprovou uma Constituição de caráter “integral”, que estabelecia apenas um sujeito soberano, chamado “Espanha, povo ou nação”, representado pelo Congresso e pelo Presidente da República. As Províncias e Municípios seriam unidades administrativas de um Estado centralizado, mas as regiões poderiam constituir-se em regime de autonomia, de acordo com o artigo 8 da Carta Magna. A autonomia poderia ser formada pela união de uma ou mais províncias limítrofes, com características comuns de caráter histórico, cultural e econômico. O poder para conceder o status autonomista era da competência do Poder Legislativo de Madri. A Constituição de 1931 entendia a autonomia como algo distinto de um Estado federal e a concepção unitária da Espanha era refletida na terminologia empregada: “nação”, para a Espanha, e “regiões” para as autonomias.

#### 1.4. A QUESTÃO DA CATALUNHA SOB A DITATURA FRANQUISTA

Foi durante a ditadura de Franco (1939-1975)<sup>3</sup> que a Catalunha, e qualquer outra região com aspirações autônomas, sofreu com intensa repressão política, étnica e cultural. Nesse período o Estado espanhol se caracterizou pela forte centralização política, proibindo-se qualquer constructo identitário que não fosse essencialmente espanhol. Nesse período, por exemplo, a instituição do *Generalitat* foi proibida e perseguida. Assim sendo:

No franquismo, não houve espaço para diálogo entre vencedores e vencidos. Após a vitória de Franco, as liberdades democráticas foram suprimidas em toda Espanha. Na Catalunha, cessaram as instituições políticas e proibiram-se os símbolos locais, como a bandeira e o hino. A educação e os meios de comunicação passaram a utilizar apenas o castelhano e houve pressão até mesmo para que os catalães usassem seus nomes castelhanizados. Os nacionalismos periféricos ficaram relegados ao exílio e à ilegalidade. A submissão política do catalanismo na esfera pública, no entanto, em momento no qual o simples fato de ser catalão levantava suspeitas, auxiliou a fomentar sentimento de solidariedade entre os catalães, que compartilhavam uma situação de perigo e pressão, fortalecendo a distinção entre “nós” e “eles” (os castelhanos) (CARVALHO, 2016, p. 97).

É só a partir da morte de Franco em 1975 e da instauração do governo de transição que a Catalunha voltou a ter suas pautas recolocadas na cena política. Esse período dito de transição teve como produto a consolidação do sistema de monarquia parlamentarista democrática na Espanha, pautada por uma organização do território de maneira descentralizada, visando assegurar as autonomias regionais. Na esteira disso, ganhava força os movimentos políticos que acenavam para a defesa das tradições regionais, mantendo direitos à língua local, práticas étnico-culturais, as quais, outrora, foram severamente reprimidas na ditadura franquista (RIBEIRO, 2018).

---

<sup>3</sup> A ditadura franquista se iniciou após a guerra civil espanhola em 1936. Contou com o apoio dos regimes nazista e fascista. De caráter totalitário, a ditadura de Franco se notabilizou pela forte repressão política. Durante a Segunda Guerra apoiou as ações nazistas, enviando, inclusive, destacamentos militares em auxílio às tropas alemãs.

Com o processo de redemocratização, a questão das autonomias regionais foi tratada a partir do Estado das Autonomias, o qual compôs a nova constituição espanhola de 1978. Basicamente, sustentava-se na nova carta magna espanhola que, a partir do Estado das Autonomias,

O novo Estado teria uma estrutura descentralizada, com flexibilidade em sua organização territorial. O país seria composto por dezessete Comunidades Autônomas, que reagrupavam cinquenta províncias existentes. As Comunidades foram divididas em dois grupos: as de “nacionalidades históricas”, que tinham Estatuto de Autonomia antes da Guerra Civil (Catalunha, País Basco e Galícia) e, de outro lado, as outras quatorze recém-criadas Comunidades (CHAGAS, 2017, p. 157).

É a partir desse cenário que se coloca a questão da Catalunha na contemporaneidade, seguindo até os acirramentos mais recentes no que se refere à questão separatista. Essas problemáticas, entretanto, serão discutidas nos capítulos que se seguem.

## 2. NACIONALISMO E SEPARATISMO: UMA DISCUSSÃO A PARTIR DO CASO DA CATALUNHA

Neste capítulo queremos abordar discussões relativas ao nacionalismo e ao separatismo, tendo como pano de fundo a questão da Catalunha. Primeiramente, procederemos com uma abordagem teórico-conceitual acerca do nacionalismo. Na sequência, apresentaremos o separatismo catalão a partir de seus acirramentos recentes com o referendo de 2017. Nesse sentido, daremos um tratamento conceitual para o referendo, discutindo suas nuances e, também, o contexto de desacordo que o referendo de 2017 criou entre o Estado espanhol e a região da Catalunha.

### 2.1. ABORDAGEM TEÓRICA-CONCEITUAL SOBRE NACIONALISMO(S)

Quando tratamos sobre o nacionalismo, devemos pensar não no singular, mas sim no plural, de modo que podemos tratar de nacionalismos. É importante que identifiquemos essa pluralidade, pois, do contrário, corremos o risco de incorrer em reducionismo e, desse modo, em interpretações pouco afeitas à metodologia científica que deve reger nossa prática de pesquisa. Nesse sentido, apontamos aqui dois tipos de nacionalismos: aquele caracterizado por movimentos radicais que, buscando desenfreadamente um espírito nacionalista, revela-se racista, xenófobo e fascista; e aquele que se constitui a partir de um sentimento nacional com raízes históricas, o qual reverbera anseios e esperanças das comunidades. Aqui trataremos desse segundo tipo de nacionalismo.

Quando pensamos o nacionalismo nos termos que apresentamos anteriormente, isto é, formado por raízes históricas, a grande referência é Benedict Anderson com a obra *“Comunidades Imaginadas”*. Para Anderson, o nacionalismo se forma historicamente a partir da construção de discursos e é, portanto, uma narrativa. Mas como narrativa, o nacionalismo não passaria de invenção? É que a perspectiva contida

na ideia de sociedades imaginadas de Anderson caminha pela abordagem da história como narrativa e representação<sup>4</sup>.

O nacionalismo geralmente remete a uma concepção de unidade, coesão de pensamento, práticas e costumes. O nacionalismo é “[...] um fundo compartilhado de ideias, noções teorias, crenças e preconceitos, permitindo a troca de palavras, argumentos e opiniões sobre uma comunidade política efetiva”. (BRESCIANI, 2007, p. 31 apud ANDRADE, 2010, n.p). Ele se confunde, muitas vezes, com a própria definição de cultura, a qual se refere ao modo de organização de uma comunidade, seus costumes, normas e práticas. A confusão não é infundada, pois a cultura compõe a identidade nacional, dando a ela forma, características e direção. Nesse contexto, Anderson (2008) pontua que a condição nacional e o nacionalismo são “*produtos culturais específicos*”. Para compreender essas questões culturais do nacionalismo, o autor aborda as origens históricas desse nacionalismo, apontando como ele se transforma ao longo do tempo e o motivo de sua legitimidade emocional atualmente. Nesse sentido, o nacionalismo foi criado em um cruzamento de diferentes forças históricas no séc. XVIII, que ganhou capacidade de se expandir globalmente, sendo incorporado a diversos tipos de organizações sociais e de estruturas políticas-ideológicas.

Assim sendo, em contextos de multiculturalismo a unidade nacional – interpretada como uma reprodução coesa de práticas e costumes – perde suas características. O mais comum nesses cenários multiculturais é a composição de distintas identidades nacionais. Essa concepção vincula-se ao entendimento de nacionalismo segundo traços culturais, o chamado nacionalismo cultural. Essa abordagem compreende que:

Os grupos étnicos e as nações se formam “com base nas afinidades com os dons culturais da vida social”. Há uma defesa contínua das afinidades com raça, língua, parentes, religião, território etc. Nesta linha, a formação da nação depende que “o indivíduo reconheça nos outros membros traços culturais como a língua, a religião e os costumes, que lhe permitem detectar que há um ancestral comum (RESTREPO, 2011 Apud CHAGAS, 2007, p. 29)

---

<sup>4</sup> Sobre representação ver: Chartier (1991) “*O mundo como representação*”

O caso que aqui abordamos é representativo dessa constatação que acima foi colocada, pois o multiculturalismo que compõe o território espanhol configura um cenário em que a Espanha não consegue manter uma unidade nacional de fato, desmembrando seu território em regiões autônomas. Pode-se argumentar, entretanto, que apesar da Espanha ser composta por regiões autônomas, tais regiões situam-se sob a soberania do Estado espanhol. A afirmação é válida em termos de nacionalismo de Estado, ou seja, dos esforços do Estado, enquanto detentor de soberania e de monopólio da força, em manter diferentes nacionalidades sobrepujadas a um poder central, porém quando olhamos para as variáveis que delineiam o nacionalismo como subjetividades compartilhadas, percebemos que as distintas construções culturais do território espanhol formaram comunidades com nacionalismos distintos do sentimento nacional da Espanha. Nesse sentido:

E muitas “nações antigas”, tidas como plenamente consolidadas, veem-se desafiadas por “sub”-nacionalismos em seu próprio território – nacionalismos estes, claro, que sonham com algum futuro feliz, livres dessa condição de “sub”. A realidade é muito simples: não se enxerga, nem remotamente, o “fim da era do nacionalismo”, que por tanto tempo foi profetizado. Na verdade, a condição nacional (nation-ness) é o valor de maior legitimidade universal na vida política dos nossos tempos (ANDERSON, 2008, p. 28)

No mesma perspectiva, Chagas (2017, p. 20) contextualiza que:

Um dos traços mais característicos do mundo contemporâneo é a ascensão de movimentos nacionalistas, os quais têm gerado alguns conflitos de razão étnico-cultural, além de terem trazido à tona a luta das minorias nacionais por autonomia, soberania, independência etc. Muito tem se questionado sobre o poder monopolizador do Estado sobre as várias nações insertadas em seu território, já que ele dispõe de recursos para encaminhar uma homogeneização cultural, política e territorial da nação (de uma delas, em caso de Estados plurinacionais). A presença de nações sem Estado em expressivo número de países, sobretudo na Europa, tem robustecido essas lutas subnacionais, de tendência centrífuga, como se evidencia na Bélgica, Espanha e Reino Unido.

O mapa a seguir ilustra os nacionalismos sem Estado, ou nações sem Estado, caso da Catalunha, por exemplo.

## MAPA 2 - NAÇÕES SEM ESTADO



Fonte: Chagas (2017). Elaboração: Chagas (2017)

O conceito de nacionalismo deve ser abordado sob a mesma perspectiva que se abordam as noções de religião e parentesco, e não segundo as categorias políticas como liberalismo e fascismo (ANDERSON, 2008). Desse modo, o nacionalismo pode ser definido mais precisamente como sentimento de pertencimento a um grupo, a presença de uma língua compartilhada, práticas, costumes e tradições em comum (CHAGAS, 2017).

Assim, em uma perspectiva antropológica, pode-se definir nação como "uma comunidade política imaginada", de modo que é limitada e, igualmente, soberana. É imaginada porque os membros de uma nação nunca terão contato com muitos de seus co-nacionais, mas imaginam que eles existam em um território simultâneo, e que comungam com eles. E é limitada porque, por grande que seja, possui fronteiras

delimitadas, de modo que nenhuma nação imagina estender-se universalmente, formando uma grande nação – quando isso ocorre temos nacionalismos radicais como o nacionalismo alemão na Segunda Guerra. De igual modo, diz-se que a nação também é imaginada porque, a despeito da exploração e desigualdades internas, é vista com uma reciprocidade entre as pessoas, uma fraternidade. Dessa fraternidade que se explica a consciência de morrer por essas criações imaginadas e limitadas (ANDERSON, 2008).

Nesses termos, pode-se pensar o nacionalismo a partir de uma amplitude de variáveis, desde o sentimento de pertencimento a um lugar ou território (territorialidade), a uma história de formação comum, a laços étnico-culturais e a uma consciência política-social que demanda mais do que autonomia, liberdade e soberania (CHAGAS, 2017).

Quando pensamos a origem do nacionalismo podemos dizer que ela foi a concomitante ao declínio da predominância do pensamento religioso no século das luzes. Nesse sentido, o questionamento da fé pelos iluministas e o conseguinte "declínio" das convicções religiosas não eliminou a carência da humanidade pelo elemento místico, ou subjetivo, pois é esse elemento que ameniza os dilemas da vida humana. E essa lacuna, que o questionamento da religião abriu, foi ocupada muito bem pelo o ideal de nação, ou nacionalismo. Não que se trate da substituição de um pelo outro, ou seja, que o desgaste da religião permitiu a ascensão do nacionalismo, nem que esse substituiu a religião historicamente, mas sim que o conceito de nacionalismo não está alinhado exclusivamente às concepções políticas, senão com sistemas culturais mais profundos (ANDERSON, 2008).

## 2.2. O NACIONALISMO CATALÃO EM EFERVESCÊNCIA: O REFERENDO DE 2017

Diante da abordagem histórica que fizemos no primeiro capítulo e da abordagem conceitual do item anterior, podemos avançar um pouco e tratar do referendo de 2017

na Catalunha. Pode-se dizer que esse referendo é um dos pontos conflituosos mais intensos das relações entre o governo espanhol e a região autônoma da Catalunha.

O nacionalismo catalão e as pretensões de independência são marcas da região. O fato é que, como demonstramos, por possuir uma cultura distinta da espanhola, como língua, costumes e até mesmo arquitetura, o povo catalão busca sua independência:

É evidente que por ter tantas distinções da cultura espanhola, o povo catalão acha-se no direito de pleitear a independência. Bandeiras da Catalunha e da Catalunha separatista [...] são vistas em parapeitos de janelas tanto residenciais quanto comerciais, demonstrando claramente o orgulho de ser catalão. Tal fato reflete em uma espécie de doutrinação e culto ao separatismo que costuma ser passado de pai para filho. O orgulho catalão exala um anseio por novos rumos que quase chega a ser palpável (MATOS; SANT'ANNA, 2018, p. 565).

Diante desse cenário, a Catalunha lançou em 2017 um referendo para definir sua separação do território espanhol. Esse referendo tornou-se um dos episódios políticos mais controversos e instáveis dos últimos anos na Espanha. Ocorre que, constitucionalmente, a Catalunha, enquanto região autônoma, não tem legitimidade jurídica para propor um referendo separatista. A indissolubilidade do pacto é clara na constituição espanhola, ou seja, a menos que se mude a constituição, não há meios de uma região autônoma declarar-se independente. Essa feição da constituição da Espanha está disposta em seu artigo segundo:

Artigo 2. A Constituição fundamenta-se na indissolúvel unidade da Nação espanhola, pátria comum e indivisível de todos os espanhóis, e reconhece e garante o direito à autonomia das nacionalidades e regiões que a integram e a solidariedade entre todas elas (CONSTITUIÇÃO ESPANHOLA, 1978, p. 3)

É importante salientar que, apesar de denominar a Espanha como pátria comum indivisível, a constituição não só reconhece a autonomia de suas regiões como também admite seu caráter plurinacional, sustentando a autonomia de nacionalidades distintas da espanhola.

E por qual razão, diante da expressa proibição legal, a Catalunha levou adiante o referendo de 2017? A questão é mais profunda do que simplesmente a jurisprudência. Há, inclusive, um questionamento por parte dos catalães das intencionalidades por trás

dos artigos que compõem a constituição espanhola. A fala é da presidenta do Parlamento Catalão e elucida esse questionamento acerca das leis espanholas:

O Estado Espanhol disse que não podemos realizar um referendo, que não podemos decidir o nosso próprio futuro porque é ilegal, porque as leis espanholas não o permitem. Na verdade, muitas dessas leis espanholas, incluindo a Constituição, foram feitas expressamente para que os catalães não pudessem decidir o seu próprio futuro. Eles foram criados para suprimir a minoria. (LLUÍS, 2013 Apud MATOS; SANT'ANNA, 2018, p. 569)

Durante certo período o governo catalão foi conduzido pelo PSC (Partido Socialista da Catalunha), o qual sustentava uma relação mais próxima ao governo central espanhol e não aludia à pretensões separatistas. Todavia, depois de fracassos no setor econômico, surgia em 2015 uma nova coligação de partidos independentistas, denominados Juntos pelo Sim. As ações e posicionamentos políticos dessa coligação “[...] passaram a ser voltadas para um único caminho, o da independência total da Catalunha.” (CAPELATTI, 2018, p. 111). Nesse contexto, Capelatti apresenta que:

O CiU [Convergência e União], uma das coligações mais importantes da Catalunha [de caráter separatista], foi dissolvida em junho de 2015, devido as diferentes visões e tensões geradas em relação ao processo de soberania. Para as novas eleições de 2015, o CDC [Convergência Democrática da Catalunha], agora em conjunto com a ERC [Esquerda Republicana da Catalunha], formavam o Junts pel Sí (JxSí), de caráter totalmente independentista. Parte do programa eleitoral do JxSí afirmava que, caso o parlamento obtivesse uma maioria independentista, abriria solenemente o processo de independência (2018, p. 60).

Essa coligação levou Carles Puigdemont à presidência da Catalunha em 2016 e, desde seu discurso de posse, ficaram evidentes suas pretensões de independência da região:

Precisamos fazer o bem e implantar o plano do governo e começar a andar à luz do que já aprovamos na declaração de 9 de novembro, iniciar o processo para estabelecer um estado independente na Catalunha, que as decisões do Parlamento da Catalunha são decisões soberanas, abrir um processo constitutivo de base cidadã participativa e oferecer um desejo permanente de diálogo e negociação, obviamente com o Estado espanhol, com a União Europeia e com a

comunidade internacional (PUIDGEMONT, 2016 Apud CAPELATTI, 2011, p. 103)

Fatualmente, em Outubro de 2017 a Catalunha votava o referendo que definia os termos da separação da região do território espanhol, a fim de constituir-se em uma nação independente. Todavia, além do Estado espanhol que já apontara a ilegalidade do referendo, sua autorização no próprio parlamento catalão foi controversa: a coalização pró-independência aprovou o referendo em 6 de Setembro por 72 votos, gerando o protesto de 52 membros da oposição que abandonaram o parlamento. Não demorou para que a corte espanhola reprovasse veementemente a aprovação do referendo: em 7 de Setembro a Corte Constitucional espanhola definiu que o referendo era ilegal e, assim sendo, não poderia ser levado à sufrágio (MOTTA, 2017).

A despeito da proibição do referendo pelo governo espanhol, ele se realizou no dia primeiro. Por considerar que se tratava de um ato que romperia o pacto constitucional, o governo espanhol enviou a polícia nacional para a região da Catalunha a fim de impedir a realização do referendo:

A votação, que ocorreu no dia 01/10/2017, foi permeada pelo caos e embate entre a polícia nacional e indivíduos pró-independência. A ação truculenta também foi direcionada à própria possibilidade das pessoas votarem, pois, além de usarem balas de borracha contra os eleitores, também tentaram destruir locais de votação e confiscar as urnas. No final, o governo catalão afirmou que 90% daqueles que votaram apoiaram a independência [...]. (MOTTA, 2017, p. 200)

Houve, igualmente, uma contradição importante no resultado da votação do referendo: dos quase 5,5 milhões de eleitores na Catalunha, apenas 2,3 milhões participaram da votação, dos quais 2,04 milhões votaram favoravelmente à separação, 177 mil votaram contra, 45 mil de votos brancos e 64 mil inválidos. A contradição reside no fato de que, apesar da vitória esmagadora, a adesão à votação do referendo foi baixa em vista do montante de eleitores aptos a votar. Além disso, a própria aprovação do referendo foi controversa, pois se deu por maioria simples quando mais de 50 membros da oposição abandonaram o parlamento em forma de protesto.

Após o resultado da votação, o governo catalão declarou sua independência. O fato é que a votação e a declaração de independência não bastaram para que a Catalunha se configurasse enquanto país independente. A contradição se reforça nas dissidências

internas ao movimento independitista e, de igual modo, sem a aprovação externa, principalmente da União Europeia. Há, nesse sentido, análises que observam as pretensões separatistas da elite política da Catalunha a partir do Juntos pelo Sim como um nacionalismo extremado, pouco afeito às concepções de nacionalismo que enfatizamos anteriormente. Assim sendo:

[...] o que se enxerga na prática é que o nacionalismo catalão configurou-se em um embate político imprudente e desamparado por outros países, pela UE, e até mesmo por grande parte de sua própria população. Compreendeu-se que a questão nacionalista tornou-se um acúmulo de suas tipificações [...] que culminaram em ações políticas bastante sérias, dando margem para questionar as reais intenções das elites políticas nesses casos. Embora sempre colocando a população e sua vontade em destaque nos discursos e nas justificativas, é perceptível a existência de um sentimento quase megalomaniaco por parte do partido e seus políticos, resultando em uma desconfiança tangível a respeito dos objetivos genuínos dos representantes catalães (CAPELATTI, 2018, p. 112).

Fazer a ponte entre pretensões nacionalistas legítimas, oriundas de uma construção étnico-cultural própria e, portanto, singular e pretensões nacionalistas extremadas, pouco parcimoniosas e ligadas a interesses de poder político tem sido, nos termos que observamos, um dos principais desafios da Catalunha. As contradições do referendo de 2017 tanto em relação à constituição espanhola, quanto em relação às dissidências internas da classe política e, até mesmo, da população que não compareceu na votação, mostram que as pretensões de independência da Catalunha dificilmente ocorrerão fora do campo do diálogo. Ao largo do espectro dialógico, o nacionalismo catalão sai da concepção de nacionalismo como os que vimos em “sociedades imaginadas”, e caminha para seu oposto, um nacionalismo político extremado.

No próximo e último capítulo deste estudo, queremos observar a ação de atores transnacionais no apoio às pretensões de independência da Catalunha, focalizando nas figuras históricas do FC Barcelona. Nesse sentido, queremos demonstrar, seguindo a via da importância de atores transnacionais na política internacional, como personagens ligadas a um elemento cultural profundo como o futebol podem influenciar ou influenciaram nos anseios independitistas da região.

### **3. A INFLUÊNCIA DO FC BARCELONA NO SEPARATISMO CATALÃO**

O FC Barcelona representa um ícone importante do nacionalismo catalão, pois, através do esporte, os catalães manifestam sua identidade étnica e suas pretensões separatistas. São inúmeras as manifestações nas arquibancadas dizendo “Catalunha não é Espanha”. Todavia, a manifestação mais emblemática em dias de jogo ocorre em alusão à resistência da Catalunha ao domínio espanhol no contexto do pós-Guerra de Sucessão, em 1714. Aludindo à resistência da região, os torcedores entoam cânticos independentistas e separatistas aos 17 minutos e 14 segundos de jogo (CHAGAS, 2017).

Nossa análise acerca da potencial influência exercida pelo FC Barcelona na questão separatista e como, através do clube, as intenções separatistas, inconstitucionais segundo a lei espanhola, podem ter uma legitimidade internacional que, sem a presença do clube ao seu lado, possivelmente não teriam, passa necessariamente pela consideração de dois aspectos axiomáticos: primeiro, que o futebol não representa um elemento neutro em qualquer contexto social, é um espaço de reprodução cultural e, portanto, elemento constituinte de identidade de uma cultura. Nesse sentido, Goig (2008) ao tratar dos nacionalismos ibéricos, aponta que eles se desenvolveram ao longo dos anos sempre relacionados com o futebol. Nesses termos, o autor problematiza como o nacionalismo, através do futebol, se mostrou um ponto fortíssimo para criação e fortalecimento da identidade. Ainda que o Estado Espanhol buscasse uma identidade cultural uníssona, o que se viu foi, na verdade, o fortalecimento da identidade dos nacionalismos localizados dentro do território Espanhol como, por exemplo, o país Basco e a Catalunha; segundo, o entendimento do FC Barcelona como um ator global e que, assim sendo, suas decisões têm amplo poder de influência. Desse modo, ao se posicionar favoravelmente ao referendo de 2017, o clube passa uma mensagem para o mundo de que a pauta do referendo é legítima, a despeito de inconstitucional.

Ao assentarmos nossa análise nas discussões de identidade e da influência dos atores transnacionais nos processos políticos, queremos demonstrar como a posição do FC Barcelona produz efeitos na política espanhola. À vista disso, recentemente o Estado espanhol condenou os líderes do movimento separatista a 12 anos de prisão por levarem adiante o referendo de 2017:

A proclamação da sentença foi seguida por protestos e repressão policial. O aeroporto da cidade de Barcelona foi tomado na

mesma noite por 8 mil manifestantes que gritavam “liberdade para os presos políticos”. A polícia usou cassetetes e bombas de gás. O aeroporto teve mais de cem voos cancelados e milhares de turistas deixaram a pé este que é um dos principais pontos de entrada para estrangeiros na Espanha. (CHARLEAUX, 2019, n.p).

Diante disso, o FC Barcelona manifestou-se dizendo:

O FC Barcelona, como uma das entidades de referência da Catalunha, e de acordo com sua trajetória histórica, desde a defesa da liberdade de expressão e o direito a decidir [...] manifesta que: Do mesmo modo que a prisão preventiva não ajudou a resolver o conflito, tampouco a fará a prisão ditada hoje, porque o cárcere não é a solução. A resolução do conflito que a Catalunha vive passa, exclusivamente, pelo diálogo político. Por isso, agora mais do que nunca, o clube pede a todos os responsáveis políticos que liderem um processo de diálogo e negociação para resolver este conflito, que também deve permitir a liberação dos líderes civis e políticos condenados. O FC Barcelona manifesta também todo seu apoio e solidariedade às famílias daqueles que são privados de suas liberdades (FC BARCELONA, 2019, n.p)

Se considerarmos o transnacionalismo, em que os processos políticos nas relações internacionais comandados pelos Estados têm sido influenciados por atores não estatais que geram importantes consequências nos cursos dos eventos (VIOTTI, KAOPI, 1993), o posicionamento do FC Barcelona, certamente, produzirá efeitos nos processos decisórios e nos caminhos do diálogo político no que concerne esta conjuntura.

Quando falamos do transnacionalismo e do impacto dos atores não estatais, não podemos perder de vista que o FC Barcelona, especialmente, é um símbolo do nacionalismo catalão e, portando, seus posicionamentos possuem um peso especial. O clube possui uma ligação profunda com a cultura do povo catalão: o FC Barcelona fora fundado em 1899, trazendo em seu escudo símbolos da cultura catalã, tais como São Jorge e a bandeira da Catalunha. O clube surgia, junto com outras entidades, como símbolo fundamental de construção, expressão e propagação do nacionalismo catalão (MAIA, 2016).

Essa representatividade do FC Barcelona enquanto símbolo da identidade nacional catalã reforçou-se quando o esporte passou a ser o único canal de expressão

política do povo catalão: em 1923 ascendia ao poder o ditador espanhol Miguel Primo de Rivera, o qual reprimiria os símbolos do nacionalismo catalão. Diante desse fato, as manifestações políticas canalizavam para o futebol, reforçando sobremaneira a simbologia do FC Barcelona no nacionalismo da Catalunha. Essa conjuntura pode ser caracterizada no seguinte episódio:

Em 14 de junho de 1925, o Barcelona desafiou a ditadura e promoveu um jogo em homenagem ao Orfeo Català [coral catalão, símbolo da cultura da região]. No intervalo, um barco inglês atracado no porto de Barcelona começou a tocar o hino da Espanha, que foi prontamente vaiado pelos 14 mil torcedores presentes ao Les Cortes. Logo depois, o público aplaudiu quando o barco tocou o hino da Inglaterra. A manifestação do público causou a ira de Primo de Rivera, que mandou fechar as portas do estádio barcelonista por seis meses, proibiu todas as atividades do clube [...] (MAIA, 2016, p. 44)

Do fim da ditadura de Rivera em 1931 até a ascensão de Franco em 1939, pode-se dizer que a Catalunha viveu sua autonomia e certa estabilidade política. Contudo, a partir da ditadura franquista após a guerra civil, o FC Barcelona foi duramente repreendido por posicionar-se politicamente a favor das forças de oposição a Franco e por empunhar as características da identidade catalã:

[...] eventos como o bombardeio da sala de troféus do Barça, durante o ataque final das forças franquistas à Catalunha; a alteração do nome do clube para Club de Fútbol Barcelona (traduzindo-o assim para o castelhano); a supressão das quatro faixas vermelhas – alusivas à bandeira da Catalunha – em seu escudo, substituindo-as por duas, representando a bandeira nacional espanhola; ou a nomeação, nos anos seguintes, de seu presidente – um colaborador de Franco – pelo governo central, foram tentativas claras feitas de destituir o clube de sua identidade catalã. (FREIXO, 2017, n.p)

Durante os anos de ditadura franquista e de repressão da identidade cultural catalã, os jogos do Barcelona no Camp Nou representavam momentos de resistência política e de luta contra o regime opressor:

No Barça, vai se concentrando toda uma complexa mitologia identitária e, inclusive, se configura como um dos únicos âmbitos que permitiam uma tímida reivindicação catalã e anti-franquista, com a particularidade que, por ser uma manifestação indireta, ambígua, hiperbólica e, ao mesmo tempo, um espaço de permissividade obrigada, o regime nada pode fazer senão tolerá-lo como um mal menor. (SALVADOR, 2004 apud MAIA, p. 49)

Foi nesse contexto que os torcedores do FC Barcelona criaram os dizeres “Més que un Club” aludindo à representatividade que o clube tem da cultura catalã. É interessante notar que esse slogan fora criado no auge da ditadura franquista, em que os presidentes do Barcelona eram definidos por indicação do regime para evitar que a instituição empunhasse os símbolos culturais da Catalunha. Isso demonstra que, independentemente da posição oficial do clube, os torcedores projetavam no FC Barcelona suas aspirações nacionalistas. Além disso, a importância do FC Barcelona para a identidade catalã pode ser vista na aguda rivalidade criada entre o clube e o Real Madrid, time apoiado pelo regime franquista:

Durante a Ditadura Franquista a rivalidade do clube barcelonês com o time madrilenho Real Madrid tomaria a dimensão política que conhecemos hoje, especialmente a partir do final da década de 40, quando o regime se aproxima do clube [Real Madrid] [...]. Diante da proibição de manifestações regionalistas e do uso de seus símbolos, o futebol foi visto como uma maneira legal de se opor ao regime centralista. Empunhar a bandeira do Barça no estádio era uma substituição da proibida bandeira catalã. Ganhar do todo poderoso time da capital era sonhar com o fim de uma hegemonia, no futebol e na política, do poder centralista de Castela (SILVA, 2019, n.p).

Em meados da década de 70, com o regime franquista em derrocada, a repressão aos símbolos culturais da Catalunha se tornava mais difícil. Nesse contexto, o FC Barcelona contratou Johan Cruyff, jogador que representou uma revolução em termos de desempenho de jogo no clube. Todavia, mais do que conduzir magistralmente o time, Cruyff virou símbolo do nacionalismo catalão: o Barça estava há 14 anos sem conquistar a Liga Espanhola e, conduzido por Cruyff, o clube aplicou uma goleada de cinco gols de vantagem no principal rival, o Real Madrid, em 1974. A vitória rendeu comemorações de grandes proporções na Catalunha, as quais se caracterizaram pela exacerbação das tradições culturais catalãs em pleno regime franquista (MAIA, 2016).

### 3.1. O SEPARATISMO CATALÃO E A POSIÇÃO DO FC BARCELONA

Já no referendo de 2014<sup>5</sup> o FC Barcelona apoiou as aspirações separatistas do povo catalão. Na ocasião o presidente do clube, Josep Maria Bartomeu, comentou que: “Ainda que o Barça seja um clube global, somos um clube catalão e catalanista e estaremos ao lado do nosso país (Catalunha)” (BARTOMEU, 2014 apud AGUIAR, 2014). Em nota oficial o clube sustentou o seguinte:

O Barcelona, de fato, foi uma das primeiras organizações do país a declarar apoio ao Direito de Decidir. Um ano atrás, expressou de maneira clara a favor do direito de decidir do povo da Catalunha, em informe do presidente que consta na ata da Assembleia de Sócios de 2013. Naquele informe, o então presidente Sandro Rosell disse: "sempre estaremos juntos em nosso país e seu povo. Defendemos que o direito de decidir é parte fundamental dos direitos que as pessoas e nações devem ter" (FC BARCELONA apud GLOBOESPORTE, 2014, n.p)

No referendo de 2017 o apoio do clube também foi manifestado. Na ocasião, em apoio ao referendo e contra a proibição de sua realização, o clube declarou que:

O Barcelona condena os eventos que aconteceram hoje na Catalunha para impedir exercício da democracia e proibir que seus cidadãos tenham o direito de livre expressão. Por conta disso, os diretores decidiram que o jogo contra o Las Palmas vai ser jogado de portões fechados depois da Liga Profissional de futebol se recusar a adiar o jogo (FC BARCELONA apud IG SÃO PAULO, 2017, n.p)

Durante a partida que, como exposto acima, realizou-se com portões fechados, o placar eletrônico ilustrava uma urna grafada com a palavra democracia.

Ídolos do clube também se manifestaram favoravelmente ao referendo. O zagueiro Gerard Piqué foi a uma sessão de votação para votar, tirou uma foto e compartilhou nas redes sociais dizendo: “Já votei. Juntos somos defensores imparáveis da democracia”. Xavi, também ídolo do clube, manifestou-se contra a repressão policial e defendeu o direito do povo catalão de exercer a democracia. Na ocasião ele disse: “É inadmissível que, em um país democrático, as pessoas não possam votar. Todo meu apoio às pessoas que estão pacificamente tentando exercer seu direito ao voto [...]” (XAVI apud OGLOBO, 2017).

O ex-técnico do Barcelona e um dos maiores ídolos recentes do clube, Josep Guardiola, defendeu o direito do povo catalão de escolher seu futuro. Ele afirmou que “Quando as pessoas pedem para votar, apelam à democracia, me parece que é o mais

---

<sup>5</sup>De modo semelhante ao de 2017, em 2014 a Catalunha também propusera um referendo de independência.

importante [...]”. Mas ele também reconheceu que a questão da Catalunha não é simples: “mas a situação da Catalunha é muito sensível [...]” (GUARDIOLA apud ESPN, 2017).

Entendendo o peso do FC Barcelona para o povo catalão, esses posicionamentos não podem ser postos em segundo plano, porque possuem, uma vez que estão umbilicalmente ligados ao Barcelona, um peso simbólico importante no constructo do nacionalismo da Catalunha

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

As pretensões separatistas da Catalunha estão longe de ter um desfecho. Recentemente, como vimos, o Estado espanhol condenou os líderes do movimento separatista a 12 anos de prisão como pena por conduzirem o referendo de 2017, o que contrariava a constituição espanhola. Esse episódio reforçou a falta de diálogo político e, de igual modo, acirrou os ânimos na Catalunha.

Pensando na nossa ideia inicial da influência do FC Barcelona na questão, podemos dizer que diante das manifestações dos ídolos e também formalmente da instituição, as consequências não podem ser minimizadas, uma vez que, como demonstramos, o FC Barcelona é ícone de resistência política e de identidade nacional do povo catalão. Nesse sentido, tendo como pano de fundo o cenário que desenhamos anteriormente, isto é, da carga simbólica que o clube representa para a cultura da Catalunha, o apoio do FC Barcelona ao separatismo catalão não é um evento desprovido de peso, pois o clube representa um elemento de resistência política historicamente. E, face à magnitude que o FC Barcelona adquiriu enquanto ator global, seu peso aumentou. Pensando, pois, nos elementos que envolvem o transnacionalismo, o clube possui uma capacidade de influência direta nos processos de tomada de decisão, tanto do Estado espanhol e do Generalitat, quanto no posicionamento de outros Estados frente à essa conjuntura.

É diante desse cenário que podemos responder à nossa problemática inicial que o posicionamento do clube favorável ao referendo foi uma influência fundamental nas aspirações separatistas, pois o apoio do FC Barcelona e de suas figuras históricas não se configura somente como mais uma voz de apoio, representa, além disso, um símbolo do nacionalismo catalão e uma referência de resistência política.

## REFERÊNCIAS

AGUIAR, Liana. Barça 'pode influenciar 1/3 dos votos' em referendo sobre Catalunha. **BBC**. Barcelona, 21 de julho, 2014. Disponível em: [https://www.bbc.com/portuguese/noticias/2014/07/140710\\_barcelona\\_futebol\\_independencia\\_catalunha\\_la](https://www.bbc.com/portuguese/noticias/2014/07/140710_barcelona_futebol_independencia_catalunha_la).

ANDERSON, Benedict. **Comunidades Imaginadas**. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

ANDRADE, Iara. Algumas reflexões sobre o conceito de identidade nacional. **XIV Encontro Regional da ANPUH - Memória e Patrimônio**. Rio de Janeiro: Unirio, 2010.

BARÇA oficializa apoio a referendo sobre independência da Catalunha. **Globo esporte**. Outubro de 2014. Disponível em: <http://globoesporte.globo.com/futebol/futebol-internacional/futebol-espanhol/noticia/2014/10/barca-oficializa-apoio-referendo-sobre-independencia-da-catalunha.html>

BARTH, Fredrik. **Ethnic groups and boundaries: The social organization of culture difference**. Oslo: Universitetsforlaget, 1969

CAPELATTI, Mariana Dexheimer. **Da autonomia à independência: a Catalunha o impacto das novas Demandas nacionalistas na política do CDC**. Dissertação de Mestrado. Porto Alegre: PUCRS: 2018

CARNEIRO, Henrique. A Guerra dos Cem anos. In: MAGNOLI, Demetrio. **História das Guerras**. São Paulo: Contexto, 2006.

CHARTIER, Roger. O mundo como representação. **Estudos Avançados**, n. 11, v. 5, 1991

CARVALHO, Luis Fernando de. **O recrudescimento do nacionalismo catalão Estudo de caso sobre o lugar da nação no século XXI**. Brasília: FUNAG, 2016

CHAGAS, Rodolfo Pereira das. **Movimentos nacionalistas na europa pós-guerra Fria: os casos de flandres, escócia e catalunha**. Tese de doutorado. São Paulo: USP, 2017.

CHARLEAUX, João Paulo. **Como a Espanha pune os líderes do independentismo catalão**. Nexo Jornal. 2019. Disponível em: Link para matéria: [https://www.nexojornal.com.br/expresso/2019/10/15/Como-a-Espanha-pune-os-l%C3%ADderes-do-independentismo-catal%C3%A3o?utm\\_medium=Social&utm\\_campaign=Echobox&utm\\_source=Facebook&fbclid=IwAR04ruWuwrKwU3AkbIvWhdl-rEAW4xCUq\\_QQSYnL5rsGMORge2MPc7yqrso#Echobox=1571156332](https://www.nexojornal.com.br/expresso/2019/10/15/Como-a-Espanha-pune-os-l%C3%ADderes-do-independentismo-catal%C3%A3o?utm_medium=Social&utm_campaign=Echobox&utm_source=Facebook&fbclid=IwAR04ruWuwrKwU3AkbIvWhdl-rEAW4xCUq_QQSYnL5rsGMORge2MPc7yqrso#Echobox=1571156332). Acesso em: Outubro/2019.

CONSTITUIÇÃO ESPANHOLA. Junta de Castilho e Leon, Espanha, 1978

EM DIA tenso de votação na Espanha, Barcelona joga com portões fechados. **Esporte - iG**. Outubro de 2017, São Paulo. Disponível em: <https://esporte.ig.com.br/futebol/2017-10-01/barcelona-portoes-fechados.html>

FREIXO, Adriano de. O FC Barcelona e o nacionalismo catalão. **Mundo em Transe**, 2017. Disponível em: <http://www.mundoemtranse.com.br/index.php/2017/10/19/o-fc-barcelona-e-o-nacionalismo-catalao/>

GUARDIOLA pede que catalães possam votar em referendo sobre independência. **ESPN.com.br**. disponível em: [http://www.espn.com.br/noticia/729241\\_guardiola-pede-que-catalaes-possam-votar-em-referendo-sobre-independencia](http://www.espn.com.br/noticia/729241_guardiola-pede-que-catalaes-possam-votar-em-referendo-sobre-independencia). acesso em: Outubro/2019.

GOIG, Ramón Llopis. Identity, nation-state and football in Spain. the evolution of nationalist feelings. In: **Spanish Football, Soccer & Society**. 9:1, 56-63, 2008.

ÍDOLOS DO BARCELONA dão apoio ao referendo da Catalunha e criticam repressão. **OGlobo.com.br**, 2019. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/esportes/idolos-do-barcelona-dao-apoio-ao-referendo-da-catalunha-criticam-repressao-21894304>. Acesso em: Setembro/2019

MAIA, Renato Senna. **A identidade cultural no futebol globalizado: Barcelona, Athletic Bilbao e a manutenção das raízes culturais**, Trabalho de conclusão de curso. Rio de Janeiro: UFRJ, 2016

MATOS, Jeórgelis Martins de; SANT'ANNA, Marília Mendonça Morais. O separatismo catalão e a situação político-social na Espanha. **RJLB**, Ano 4 nº 3, 2018

RIBEIRO, João Henrique Vontobel. Reflexões jurídicas sobre o separatismo catalão: os Parâmetros legais para a constituição de um novo estado na ordem internacional. **PUCRS**. Disponível em: [http://www.pucrs.br/direito/wp-content/uploads/sites/11/2019/02/joao\\_ribeiro.pdf](http://www.pucrs.br/direito/wp-content/uploads/sites/11/2019/02/joao_ribeiro.pdf)

MONZÓ, Julio Navarro. **Catalunha e as Nacionalidades Ibéricas**. Lisboa: Livraria Central, 1908

MOTA, Caio. Teorias da democracia e o referendo catalão de 2017. **Rev. Sem Aspas**, Araraquara, v.6, n.2, p. 197-209, jul./dez., 2017.

SANCHÉZ, Sixto Lauro. Catalunha na Espanha: Mitos e realidades frente uma relação milenar. **Contemporânea: Revista de Ética e Filosofia Política**, Caruaru, v. 4, n. 1, p. 107-139, jan./jun. 2018.

SILVA, Ana Paula Frolisbello da. Futbol Club Barcelona, més que un club: pátria e futebol nas páginas da revista Triunfo [1968-1974]. In: COSTA, Carmem Lúcia et al. **Humanidades e outros temas**. Jundiaí/SP: Paco, 2019.

VIOTTI, Paul; KAUPPI, Mark. **International Relations Theory**. Nova Iorque: Macmillan, 1993